

Batalhas Pelas Memórias: Migrantes nordestinos na cidade de São Paulo no início do século XXI

Antonio Clarindo Barbosa de Souza

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um conjunto de aproximações e considerações sobre a vida de nordestinos que chegaram a São Paulo nas duas primeiras décadas do século XXI. A questão central do artigo, resultado de uma pesquisa de pós-doutorado realizado junto à PUC-SP (2018), é se estes nordestinos foram para o sul do país mais qualificados, a partir das políticas estatais construídas a partir de 2002 e como se enquadram nas novas configurações de cidade grande, marcada pelo estranhamento, preconceito e xenofobismo. A metodologia utilizada foi a recolha de um questionário aplicado somente com migrantes chegados entre 2002 e 2018, atentando para as visões construídas por eles sobre a cidade grande, tentando detectar os elementos de inclusão e exclusão.

Palavras-Chave: Cidades, Migrantes. Relatos Oraís.

Résumé

L'objectif de ce travail est de présenter un ensemble d'approches et de considérations sur la vie des habitants du Nord-Est arrivés à São Paulo au cours des deux premières décennies du 21^e siècle. La question centrale de l'article, résultat d'une recherche postdoctorale menée au PUC-SP (2018), est de savoir si ces Nord-Est sont allés dans le sud du pays plus qualifiés, sur la base des politiques de l'État construites depuis 2002 et comment s'inscrire dans les nouvelles configurations de la grande ville, marquées par l'étrangeté, les préjugés et la xénophobie. La méthodologie utilisée a été de collecter un questionnaire appliqué uniquement aux migrants arrivés entre 2002 et 2018, en prêtant attention aux points de vue qu'ils ont construits sur la grande ville, en essayant de détecter les éléments d'inclusion et d'exclusion.

Mots Clés: Villes, Migrants, Rapports Oraux.

À guisa de introdução

A ideia deste artigo não é ser uma monografia sobre os migrantes nordestinos que chegaram a São Paulo entre os anos de 2002 e 2016. Na medida em que fomos formulando

nossas hipóteses de trabalho, entre elas a de que houve, a partir de 2003, uma diminuição do número de egressos do Nordeste e que os que seguiram para São Paulo foram mais bem qualificados educacionalmente, surgiram outros questionamentos e outras possibilidades de respostas. Algumas têm a ver com o local: A cidade de São Paulo com suas dimensões de país continental. Outras têm a ver com as pessoas que circulam, inventam, praticam, vivem e morrem naquela cidade nomeada por alguns como paraíso e por outras como monstro, selva de pedra e "terra que o filho chora e a mãe não vê".

Metodologicamente precisamos entender que todas as histórias de todas as pessoas registradas aqui neste trabalho, sejam elas pessoas citadas em livros de papel, sejam elas fornecedoras dos depoimentos para o Museu da Pessoa, ou sejam ainda respondentes dos questionários que elaboramos para a pesquisa que fundamentou este texto, todos tem a mesma dimensão de personagens reais, uma vez que tivemos a pretensão de mostrar quais visões sobre a cidade de São Paulo essas pessoas construíram ao longo do tempo e com base em suas experiências de vida. Assim como os organizadores e estimuladores do Museu da Pessoa "... nossa premissa era de que a história de toda e qualquer pessoa, desde que fosse seu desejo, deveria ser considerada parte de nosso patrimônio..." e da História da cidade (Worcman, 2014; p.1).

O que nos interessa nesta história dos migrantes em São Paulo é contar algumas vivências em três momentos. Num primeiro mostrar como a cidade se constituiu e de automeceu como próspera, moderna, invencível, progressista, dinâmica desde os anos 1910; num segundo momento como as pessoas passaram a habitá-la e criar e recriar nomenclaturas para a cidade e para elas próprias, na tentativa de construir uma identidade e demonstrar como as memórias individuais, geracionais, públicas, culturais e ainda, e inevitavelmente, a memória nacional, fazem parte desta memória do século XX e que se desdobra na atualidade (século XXI); num terceiro e último momento ou movimento, o que pretendemos demonstrar é como se dá, na atualidade, esta inserção e construção de identidades num ambiente que podemos classificar, com base nos estudos e observações in loco, como sendo de estranhamentos, preconceitos e xenofobismo.

O que quisemos demonstrar foi o fato, a partir de nosso entendimento, que toda pessoa que realiza uma atividade na cidade faz uma prática histórica, mesmo que esta não esteja registrada como tal.¹

Importante ainda é ressaltar que ao longo do texto sempre estaremos falando de

¹Aqui nos acostamos a Tonkin quando esta afirma que: "Can there really be societies without history? This expression is, of course, ambiguous, but the logic of my argument is that because social relations imply both continuity and discontinuity in time, everyone who practices them practices history, and their practice enters into memory which is required if the social practices are to endure and survive." Tonkin, Elizabeth. *Narrating our pasts: the social construction of oral history*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992. p 111."

diversidade e multiplicidade. Uma vez que acreditamos, assim como Worcman (2014;p.8), que: "Em uma grande cidade cruzam-se grupos e indivíduos com heranças históricas diversas. Por trás do aparente caos, cada cidade traz, em sua forma de ocupação e convivência de seus habitantes, sua história." E que, além disto, como ressalta Jane Jacobs:

cidades grandes não têm a mesma natureza das cidades pequenas. Tampouco se assemelham aos subúrbios. As cidades grandes diferem das cidades pequenas e dos subúrbios em sua essência.[...] cidades são organismos vivos e dinâmicos que, em meio à diversidade de usos e culturas, permitem a construção de uma rede de apoio – social e econômico – entre seus habitantes. Cidades são, neste sentido, sistemas emergentes e auto-organizados na medida em que têm sua dinâmica estabelecida localmente pela interação cotidiana entre seus habitantes. (Worcman, 2014;8)

Contudo, é necessário acrescentar a esta constatação de Jacobs que esta interação não acontece aleatoriamente. Existem várias forças econômicas, sociais, políticas e culturais que impulsionam estas relações e tocam as vidas dos indivíduos em particular, quase sempre as transformando. De forma positiva ou negativa, mas sempre relacional. Esta diversidade encontrada, principalmente nas grandes cidades é ressignificada para cada pessoa e, como afirma Johnson, “o encontro com a diversidade não significa nada em uma cidade a não ser que este encontro tenha alguma chance de modificar o comportamento de cada um.” (Worcman 2014;p.9).

Desejos de cidades. Urgências de memórias

A cidade é um conjunto de artefatos e ela própria pode ser vista como um artefato. A relação que seus habitantes atuais estabelecem com seu passado, comum ou plural, passa necessariamente por esta percepção ou pela falta dela. Os artefatos que se encontram na cidade (prédios, monumentos, estátuas, nomes de ruas, praças e largos) são fruto da importância ou não que se dá a eles na história do local.

Em São Paulo há esta mistura de valores. Um passado ao qual não se volta versus um desejo de voltar sempre aos anos áureos do ouro verde: o café. O cidadão comum que circula pelo centro da cidade não vê este passado como valioso e também como algo ao qual se deva retornar. Para o homem comum que habita um dos decrepitos prédios do largo do Paysandu o conceito de velho, deteriorado, estragado, lhe serve. O de antigo e precioso não. O conceito de monumento não lhe faz diferença. O passado não é valorizado por ele nem comporta antiguidade.

Embora a cidade possa ser pensada como um artefato esteticamente construído os seus próprios construtores podem ter visão diferente sobre o que deve ser preservado ou não. O conceito de antiguidade, instituído na Idade Moderna criou a noção de que tudo que entra no legado civilizatório deve ser preservado.

Porém, que legado é este? E para quem é legado? Amparar e proteger o que restou deste passado é obrigação de quem? Como a cidade não é um elemento isolado e protegido da ação humana, esta ação dos vários homens e mulheres que circulam a transformam em todos os seus aspectos: culturais, econômicos, sociais, políticos e, até mesmo, afetivos.

Em certas situações percebemos a dicotomia entre dar acesso aos populares aos antigos prédios da cidade, nem sempre construídos para eles (Teatro Municipal, por exemplo) e outros que lhe são abertos dentro de certos limites (Praça ao lado da Igreja de N.S. do Rosário, no Largo do Paysandu), pois que não se pode impedir do cidadão comum, mesmo que desprovido de sua cidadania mais plena, circular nos e em torno dos monumentos. O fato de certos moradores de rua dormirem amparados nos monumentos das praças públicas em São Paulo é dúvida. Porque, se por um lado eles dão outra destinação para aqueles espaços que foram pensados para usufruto de outras classes sociais, por outro, esta reapropriação se dá de forma republicana. Às vezes, uma praça, situada em frente a um Museu é mais visitada do que o próprio museu e os monumentos que se encontram fora, não são visitados ou entendidos pelos que por ali trafegam. O fato dos Museus permitirem o acesso ao público (inclusive com dias de acesso gratuito) das mais variadas maneiras (através de exposições temáticas ou disponibilizando seu acervo de outras maneiras) é uma forma de republicizar a monumentalidade.

Como afirma Barthes a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem. Portanto, como nos solicita Harvey (2010;p.69/70), ..."temos de dar estreita atenção ao que está sendo dito, em particular porque é típico absorvermos essas mensagens em meio a todas as outras múltiplas distrações da vida urbana."

Mas por que as pessoas querem tanto preservar o passado? Segundo Hewison, também citado por Harvey (2010, p 85),

...o impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva, objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente de ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade nacional quando a confiança enfraquece ou é ameaçada.

Às vezes, um edifício como o da Biblioteca Mário de Andrade não é apenas um prédio. É todo ele um espaço destinado ao espetáculo. E esta "arquitetura como espetáculo" se estabelece e impõe uma forma de ver o mundo. Nos centros das grandes cidades, o que se assiste, ao invés de uma arquitetura acolhedora, é o que Harvey (2010) chama de "cidadelas

do prazer', como os edifícios gigantescos com suas vidraças espelhadas ou mesmo os grandes shoppings centers. Na tentativa de dizer ou mostrar que todos participam do desenvolvimento capitalista, o projeto de inserção dos homens na cidade se apoia neste espetáculo que é também, e sobretudo, visual. Nos diz Harvey (2010;p.91): "Uma arquitetura do espetáculo, com sua sensação de brilho superficial e de prazer participativo, transitório, de exibição e de efemeridade, de jouissance, se tornou essencial para o sucesso de um projeto desta espécie."²

Neste processo de monumentalização a cidade aparece como o local que concentra inúmeras tensões, conflitos, ações e reações ou, no dizer de Fernand Braudel, “as cidades são como transformadores elétricos: aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens”.³

Na mesma medida em que a cidade dos homens ricos e poderosos vai sendo monumentalizada e patrimonializada aparecem as contradições inerentes ao processo de desenvolvimento capitalista e inchaço da urbe. As questões econômicas (emprego, renda, ocupação, multifuncionalidade) se juntam às preocupações mais sociais como organização social e vida cotidiana (moradia, diversão, circulação) e as memórias humanas dos habitantes da cidade vão se ancorando em alguns lugares. Todavia, tais práticas e ações, transformadas posteriormente em memórias, são parte daquilo que Michel de Certeau chama de “artes de fazer”⁴, ou melhor, *as artes de fazer com*. Desta forma, a cidade e seus monumentos são constantemente inventadas e reinventadas por aqueles que nela habitam ou apenas transitam. O que às vezes é planejado para um determinado fim e uma determinada classe social, é modelado e remodelado cotidianamente por estes viventes e (re)inventores da cidade. Conforme Medeiros, baseada em d'Assunção Barros (2017, p.7)

...a cidade [...], pode ser simplesmente “lida”, isto é, pode ser analisada como um texto. Se a cidade como obra de arte pode ser entregue ao deleite e a apreciação artística daqueles que por ela passam, ou por aqueles que nela residem, ela pode ser esmiuçada através de várias leituras por aqueles que caminham pelos seus espaços públicos e privados.

Nesta ideia de que a cidade poder ser lida como um texto, temos que levar em consideração também que este texto lido é também constantemente produzido (reelaborado) pelos que habitam ou circulam pela cidade. Cada um com seus interesses e vivências. As

²-Isto parece ocorrer mais fortemente ainda com o prédio de nº 624 da Avenida Paulista onde funciona o Instituto Moreira Sales. Complexo de ferro e vidro, ultramoderno, destinado às artes como cinema, literatura, biblioteca, café e salas de exposição. O próprio prédio, já adaptado agora nos anos 2000, é uma referência a tudo que há de pós-moderno em São Paulo.

³Fernand Braudel. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII - Vol. 1: As estruturas do cotidiano*. São Paulo, 1977, p. 461

⁴Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis/RJ, Vozes, 2014.

formas como estes produtores e leitores adentram a cidade são as mais diferentes possíveis, todavia, cada uma delas pode ser criativa ou contemplativa, sinuosa ou insinuante, arbitrária ou determinada.

A cidade material é sempre maior que a cidade imaginada por planejadores e analistas. Há, por parte dos circulantes um processo de ressignificação dos espaços públicos. O que era antes apenas um local de passeio ou passagem pode, em outros tempos, tornar-se um local de diversão, protesto político ou apresentações culturais, dependendo da correlação de forças que se estabelecer entre os grupos sociais envolvidos (Vale do Anhangabaú, por exemplo) e passando alguns locais na cidade a ter um alto grau de simbolismo, muitas vezes até pelos nomes que receberam em determinados contextos (Bairro da Liberdade, Praça da República, Largo da Pólvora ou Ladeira da Memória). Quando algo ou algum local é constantemente usado para construção e reconstrução contínua, podemos dizer que um novo poder ou formas de circulação de poder ali são criados e gestados.

Contudo, muito do que existe na cidade é fruto dos discursos que falam sobre ela. Se um local é tido como perigoso (Cracolândia), agradável (Praça Ramos de Azevedo), censurável (Largo do Paysandu), conturbado (25 de março), aprazível (av.Paulista), isto denota que ele já foi "falado" discursado (Foucault) ou "inventado" (Certeau) por vários tipos de discursos e usuários.

Os discursos já informavam e ajudavam a construir a São Paulo dos anos 1910 a 1930 com a chegada dos imigrantes estrangeiros. No livro *Ecletismo Paulista*⁵, que trata da ação e profissionalização dos primeiros arquitetos e construtores que reinventaram a paisagem do centro da cidade, o autor Waldir Salvadore afirma que o novo estilo surgiu rompendo os rigores da tradição, aberto às possibilidades, atento às novas necessidades e tecnologias, o ecletismo foi sinônimo de modernização no seu apogeu, trazendo em seu bojo, novas técnicas e materiais de construção, novos equipamentos de uso doméstico, novos critérios de salubridade e higiene, novos padrões de sensibilidade e sociabilidade". (Salvadore, 2015)

Levando em consideração a forma do pouco que restou das construções do período colonial/imperial é importante ressaltar aquilo que ficou e foi definido como marco a ser preservado. Salvadore (2015; p.80) ressalta ainda que:

...sem prejuízo do cuidado com o ralo – e até por isso, mais precioso – o legado colonial e imperial, nossa memória edificada essencial a pedir atenção não é feita de Igrejas setecentistas ou sobradões oitocentistas, do barroco ou do neoclássico, mas, isto sim, de tudo aquilo que forjou e configurou o século XX: ferrovias e indústrias, vilas operárias e arranha-céus, o moderno... e, claro, o eclético.

⁵SALVADORE, Waldir – *Ecletismo Paulista: Italiano e nosso: Felizberto Ranzini e o "estilo florentino"*. - 1.ed – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

As memórias dos paulistanos mais antigos se ancoram nestes velhos lugares de memórias e nestes prédios mais antigos que hoje ninguém parece ver ou admirar. Não se olha mais para isto. Não se volta mais os olhos para o alto. Tem-se pressa de passar⁶. Veja-se o exemplo do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento⁷.

Arriscando uma análise sócio-econômica daquele contexto e época, (no caso 1910-1930), que as evidências materiais parecem não desmentir, Salmoni e Debenedetti (1981; p.116) observam que: para os emigrados italianos enriquecidos

"...a saudade pela casa italiana, se torna um sonho de contornos imprecisos e mutáveis, não os pode socorrer, em tão mudadas condições econômicas, uma lembrança precisa de uma casa em que já moraram ou, em todo caso, conheciam; ocorre-lhe ao contrário à mente, a grande casa de luxo, que sonharam na juventude, somente, talvez, como miragem inalcançável. Manda vir, pois, materiais e projetos completos de casas vindos da Itália ou então recorre aos próprios arquitetos, que chegaram trazendo as últimas novidades no campo das construções e da decoração."

Citando ainda outros estudiosos da arquitetura paulista inicial o autor afirma, na página 92: "Nas palavras de outra autora (Macambira, 1985;p.34), aos mais pobres, pequenos comerciantes e operários restava apenas tentar reproduzir como podiam alguns elementos decorativos, visíveis nas casas das classes dominantes."

As construções que proliferaram pelo centro da cidade de São Paulo nos anos 1910-1930 se constituem, além de edificações materiais, em espetáculo visual. Guy Debord em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*⁸, utiliza-se da ideia de que as imagens servem como espetáculo a ser visto, mas que elas também se materializam em coisas, diz ele: "O espetáculo não pode ser compreendido como um abuso, uma visão, de técnica de difusão massiva das imagens, ele é bem mais uma *weltschaung* (visão de mundo) tornada efetiva

⁶ Ver por exemplo a casa na rua Rodrigo Silva que abriga um Centro de Esoterismo - Loja e Biblioteca Esotérica.

⁷A construção desta casa do Círculo está inserida no novo contexto da Belle Époque paulista. O prefeito Antonio Prado, prefeito por quatro vezes da cidade, desenvolveu um plano de glamourização do centro e entre estas várias construções de estilo eclético está a Casa onde funciona o Círculo - "Olivio Rodrigues veio para o Brasil no começo do século XX, quando o ar europeu era uma realidade paulistana. O clima de belle époque que tomava conta dos países estrangeiros estimulava a sociedade paulista a cumprimentar um ao outro com a frase "Vive la France!". Finas confeitarias começaram a surgir na gestão do prefeito Antonio Prado, que, em quatro mandatos, tentou gourmetizar a cidade. Entre 1900 e 1910, a paisagem urbana de São Paulo foi transformada completamente: o Plano Bouvard tinha o objetivo de reestruturar o centro, e permitiu que novas ruas e praças fossem abertas. Foi nesse período, em 1905, que surgiu a praça da República, o Parque do Anhangabaú e a Praça da Sé. Foi nesse período, ainda, que foi construída a primeira agência do Banco do Brasil em São Paulo, além da construção do Instituto Butantã. Em 1901, a Estação da Luz foi inaugurada, seguida pelo antigo Parque Antártica, construído em 1902. A Maternidade São Paulo e a Pinacoteca passaram a compor a paisagem urbana da cidade em 1904. E foi nessa primeira década de expansão que o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento foi inaugurado. (Ver imagens minhas e do site da wikipédia, acesso em 15/10/2018) O projeto foi criado pelo arquiteto Gilberto Gullo — em um estilo eclético indefinido que atende a uma programação em que predomina a simbologia esotérica da Ordem. A arquitetura foi criada com esculturas de Ruffo Fanucchi, decoração de Leôncio Neri e talhas de Arthur Grandi.

⁸DEBORD, Guy – *La société du spectacle*; Paris; 1967 s/e

materialmente traduzida. Esta visão de mundo que se objetificou... (Debord, 1965, item 5 p.5)

O que queremos dizer com isto? Que a grande quantidade de instalações novas no centro da cidade e nos bairros próximos ao Centro (como Bêxiga e Santa Cecília) e o grande número de textos escritos sobre tais espaços, levavam o paulistano comum, simples, homem ordinário, a se ver dentro de um grande espetáculo, e que, além da contemplação que lhe era estimulada, permitia-lhe também a circulação por aqueles novos espaços.

Algumas ideias, tanto naqueles agora longínquos anos 1920, como nos dias atuais, se espetacularizam. Debord (1965;p.4) nos diz, no item 8 do seu interessante livro:

...o espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Essas diversidades e contrastes são aparências. Essa aparência organizada socialmente. Que deve ser, ela mesma, reconhecida, dentro da verdade geral. Considerando, segundo seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, quer dizer, social, como uma simples aparência. Mas a crítica que se atém à verdade do espetáculo a descobre como uma negação visível da vida, uma negação da vida que é tornada visível.

Ainda trabalhando com esta ideia de espetáculo é necessário entender que a construção de um edifício, como o Teatro Municipal de São Paulo (1911) e os discursos que falam dele, fazem parte de uma mesma formação discursiva. Nos alerta ainda Débord...

Para traduzir o espetáculo, sua constituição e forças que tendem a sua dissolução é necessário distinguir artificialmente os elementos que lhe são inseparáveis O espetáculo, parte, em uma certa medida da linguagem mesma do espetáculo. E, em si, nos passa o caráter metodológico desta sociedade e se exprime dentro do espetáculo, mas este nada mais é do que o sentido da prática total, de uma formação econômico social. É um momento histórico que nos comporta em si mesmo." (Item 11;p.6)

Isto é, mesmo quando vamos falar da sociedade do espetáculo usando uma linguagem que é própria daquela sociedade, nós estamos também usando termos que espetacularizam aquela sociedade. São Paulo a capital do trabalho. A cidade que nunca dorme. "A morada de todos os nordestinos". A que "não é conduzida, mas que conduz" (Lema do Brasão do Estado de São Paulo, mas que se metamorfoseia e é facilmente adaptada para a cidade)

Por isto, acreditamos que os discursos que "inventam" a cidade de São Paulo, constantemente se misturam na tentativa de dizer o que a cidade foi e o que ela deveria ser. Os que vivem e circulam por esta cidade vivem numa esquizofrenia constante entre o preservar o antigo e estabelecer e usufruir do novo. Este mal estar na sociedade moderna ocidental já havia sido detectado por Andreas Huyssen (2000; p.32) quando afirma que:

O nosso mal estar na sociedade moderna parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as

quais nossa psiquê nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto.

Parece-nos que é exatamente isto que ocorre em São Paulo. Vemos o desejo das pessoas estarem nos museus (que por vezes funcionam em casas e espaços antigos), mas, ao mesmo tempo querendo que tudo seja tecnologizado, informatizado, de última geração e que possa ser visitado em velocidades comuns aos aplicativos de informações. Portanto, toda construção, musealização e patrimonialização traz em si um desejo de poder. De poder controlar as informações e deter a aceleração do tempo. Um poder de demarcação de referências e hierarquização entre os que tem a capacidade de interagir com prédios, peças museológicas, artefatos culturais e aqueles que simplesmente circulam pela cidade sem entender os seus vários sentidos.

Os espaços construídos pretendem determinar como as pessoas devem circular e se portar. Todavia, quando as pessoas mudam e usam determinados espaços elas nem sempre atendem às expectativas de seus construtores. É uma pretensão do poder político estabelecido impor uma determinada forma de ocupação. Porque, segundo Yi Fu Tuan...

As pessoas sabem melhor quem são elas e com quem devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza. Por último, a arquitetura 'ensina'. Uma cidade planejada, um monumento, ou até uma simples moradia pode ser um símbolo do cosmos. Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade.(TUAN, 1983;p.13)

Mas como o poder se impõe via monumentos? No caso da estátua de José Bonifácio, que se encontra hoje na Praça do Patriarca em São Paulo, ela denomina e determina que uma nova relação com o espaço seja construída por quem ali passa. A estátua foi erigida pela comunidade libanesa e doada à cidade de São Paulo por ocasião do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972). Até aí nenhum problema. Homenagem de uma comunidade de comerciantes enriquecidos ao denominado patriarca da Independência. Só duas coisas chamam a atenção. Primeiro, o homenageado ser um santista e não paulistano e profundo defensor da brasilidade ser homenageado por uma comunidade estrangeira. A segunda: a estátua de um homem próspero e rico, estar instalada na antiga Praça da Igreja de Santo Antonio, um paupérrimo franciscano de origem italiana. Em 1972, a vontade de poder e de dominar um espaço foi redimensionada para atender os interesses de outro grupo enriquecido da cidade, que não a Igreja Católica. Assim, o poder circula.

Porém, como nos alerta Tuan (1983;p.13/14)

Construir é um ato religioso, o estabelecimento de um mundo em meio de uma desordem primeva.

Construir torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente na criação de uma forma material que capture um ideal.

Porém, o significado destas dimensões espaciais cresce imensuravelmente em poder e clareza quando elas podem ser vistas em uma arquitetura monumental e quando as pessoas vivem em sua sombra.

Se todos ou a maioria dos monumentos erigidos em São Paulo tiveram o desejo, a vontade ou a necessidade de delimitar campos de poder, nem sempre este desejo foi alcançado em sua totalidade. Nas mesmas ruas onde foram construídos a primeira agência do Banco do Brasil (Rua Álvares Penteado com rua da Quintanda)⁹; o Palácio do Café (antiga bolsa de Mercadorias de São Paulo), Palácio da Justiça e antiga sede do banco Francês Italiano (rua 15 de novembro, 213), hoje não são mais centros de poder econômico e financeiro e pelas suas laterais vegetam jovens e adultos que se drogam diuturnamente, nas imediações da rua Anchieta e na confluência do Pátio do Colégio.

Um destes moradores de rua, em depoimento a Workman (2014) explica como saiu do mundo das drogas, mesmo frequentando aquele ambiente que nunca foi pensado para sí. Tendo morado muito tempo sob os viadutos do bairro do Brás, M.R em depoimento ao Museu da Pessoa conta sobre a sua convivência com o centro da cidade planejado com outras intencionalidades nos anos 1880-1930:

Eu conheci o crack e acabei me afundando. O crack não é bom para ninguém. Acaba fazendo a pessoa perder tudo que tem, perde esposa, perde casa, perde família, perde roupa, perde tudo; eu, conhecendo a G., minha esposa, acabei saindo; estou com oito meses que eu não coloco nada na boca; de droga nenhuma, de bebida nenhuma, só o cigarro mesmo; foi através dela mesmo que eu consegui parar e ela também é uma pessoa que não usa nada também; nem fuma nada e aí ficamos nós dois... Conheci minha mulher na rua, ali no Pátio do Colégio, próximo à Praça da Sé. Eu passando à noite lá, ela se encontrava numa comunidade do pessoal de rua... nós conversamos, acabamos ficando juntos naquele dia e estamos até hoje; pelo menos me ajuntei com uma pessoa que eu gosto. Que me ama e eu a amo também e agora nós vamos casar. Ela vai ter o filho, está grávida de cinco meses..”. (Workman; 2014; p.21)

Assim sendo, o que hoje é monumentalizado e patrimonializado pelos órgãos gestores das memórias públicas que devem ser preservadas, não envolve as histórias de vidas destas pessoas simples que por ali circulam, vegetam ou passam. Os edifícios, enquanto monumentos de uma memória previamente escolhida são importantes enquanto materialidade e exemplos de estilos arquitetônicos, mas os seus entornos comportam muito

⁹ Sede do Centro Cultural Banco do Brasil - O edifício construído em 1901, foi comprado em 1923 pelo Banco do Brasil. Que coube ao engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Junior transformá-lo em agência bancária, que funcionou de 1927 até 1996.

mais histórias do que poderiam imaginar seus arquitetos, planejadores e construtores.

Embora o meio ambiente construído, assim como a linguagem, [tenha] o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade pode aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes. A forma construída tem o poder de aumentar à consciência de interior e exterior, intimidade e exposição, e tornar mais nítida a diferença existente na temperatura emocional entre ambos. (TUAN; 1983; p.14)

Para o antigo morador de rua anteriormente citado, aqueles prédios não são lugares de memória nem tampouco de história. São apenas proteção contra os perigos da noite e das intempéries do clima. Circular, andar, deitar-se, namorar à sombra de um deles, não os transforma em patrimônio material para esse tipo de pessoa. Elas apenas aproveitam as suas saliências e reentrâncias para encontrar um pouco de calor. O espaço é diluído, pois a vida moderna (e no caso de São Paulo, hipermoderna) é compartimentada. O espaço pode até ter sido planejado e ordenado para chamar nossa atenção para hierarquia social (TUAN, 1983;p.14), contudo, a ordem pretendida não tem significado religioso e pode mesmo nem ter uma correspondência direta com a riqueza dos indivíduos que agora o aproveitam. Para aquelas pessoas simples e despossuídas que circulam e vivem pelo centro, nada é ou pode ser sagrado. E assim vão ocupando tudo que podem e tudo que precisam. Longe da lógica dos arquitetos, dos engenheiros práticos e dos urbanistas do início do século XX, neste início de século XXI ocupa o espaço quem dele precisa.

Entre histórias e memórias: A batalha pelas histórias dos lugares

A partir de algumas provocações dos teóricos que trabalham com as questões das memórias pretendemos mostrar que o que às vezes é monumentalizado ou patrimonializado não é, necessariamente, o que interessa aos populares e ou do que eles resolvem lembrar. Iniciando com a provocação bastante pertinente de Lucília Neves Delgado (2010) atentemos para o fato de que “os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo as experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças, que constituem o estofa do tempo na memória.” (DELGADO, 2010; p15)

Muitas memórias e histórias que são aventadas pelos populares ao rememorem os tempos passados ocorreram em torno de outros marcos temporais ou lugares que não entraram para a história oficial nem da cidade nem do país. Vejamos por, exemplo a explicitação das lembranças do sr. C.L sobre a época da revolução de 1930, quando ele era criança, pois que nasceu no bairro da Barra Funda, em 1909:

Durante a Revolução de 1930...Porque a Lopes de Oliveira termina justamente onde estão os trilhos das estradas de ferro. Ali, durante 1930, a gente via passar os trens cheios de soldados que vinham lá do sul e iam pro Rio de Janeiro para depor Washington Luís Pereira de Sousa, que era o presidente na aquela época. Então,

eles passavam ali e a gente via os soldados passarem e tal. Em 1930. Logo em seguida a Revolução de 1932."¹⁰

Percebemos no relato oral de memória do sr. C.L que as referências não são aos lugares construídos como as grandes estações de trem de São Paulo ou aos edifícios da Sede do Governo Nacional situados no Rio de Janeiro. Suas memórias circulam e vagam pelas imediações do seu bairro e juntam informações sobre a história nacional (Revolução de 1930 e levante paulista de 1932) e as inovações técnicas que chegaram à sua área de moradia (os trilhos das estradas de ferro que chegavam até ali). As recordações da Barra Funda não comportam nele grandes eventos históricos. As suas memórias da infância reinventada remetem a espaços e eventos mais prosaicos, como podemos ler na passagem a seguir:

Da Barra Funda a gente tinha algumas brincadeiras, jogava-se muito futebol na rua. Naquele tempo não passava muito carro. Eu me lembro também da Barra Funda que a gente ia até a Cachoeirinha. O Rio Tietê passava ali quando o rio Tietê era limpo. A gente ia lá pescar, mas eu não pescava, eu nadava no rio lá. Aqui a molecada fazia o seguinte, pegava um garoto, punha um garoto dentro de um pneu e soltava-o.

Das brincadeiras infantis e das aventuras mirins, o Sr. C.L lembra com muito mais prazer do que do prédio do DOPS, onde um primo seu e também o irmão foram presos. O antigo prédio do DOPS, atual Memorial da Resistência¹¹, localizado no Largo General Osório, não traz boas lembranças ao Sr. C.L, para além do prédio edificado o que lhe ficou nas lembranças foram os percalços que seu primo, principalmente, passou naquelas dependências. O prédio, construído nos anos 1910, e que, arquitetonicamente, pode ser muito bonito, trazem memórias funestas para o entrevistado.

Sei que meu primo foi também preso lá onde era o...Ali na Luz. Ele foi preso ali no DOPS um irmão meu também foi preso o N.L. Foi preso, mas ficou só uma noite lá preso. O A.P (primo) casou-se com a G.G para que ela não fosse deportada, mas o senhor Getúlio Vargas que tinha como ministro da segurança, da polícia, um nazista chamado Felinto Muller, passaram por cima das leis brasileiras[...] e mandou a G.G para os campos de concentração assim como aconteceu com a esposa também do Prestes, a Olga Benário.[...]A.P foi preso ali no DOPS. No DOPS eu fui, quando eles reformaram o DOPS, eu fui visitar e eles punham então uma música fazendo o que havia nos presídios naquele tempo. Então, era uma gritaria de dor, aqueles presos todos jogados no chão, sendo surrados, naquela gritaria e tal. Isso eu assisti no DOPS. E DOI-CODI.

¹⁰C.L - depoimento ao Museu da Pessoa, em 06/07/2010. Optamos por não citar o nome do depoente em nosso trabalho, embora os depoimentos possam ser acessados no Portal do Museu da Pessoa. <http://www.museudapessoa.net> (acesso em 15/04/2018)

¹¹ O edifício sediou o Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (DEOPS-SP) entre os anos de 1940 a 1983. Edifício foi construído dentro de um período de quatro anos, entre 1910-1914, pelo Escritório Técnico de Ramos de Azevedo e sua original ocupação pretendia ser o principal meio administrativo da Associação Central e, em seguida da Estrada de Ferro de Sorocaba. Serviu como local do DEOPS de 1940 até 1983, quando foi desativado ainda no período da ditadura militar.

As memórias pulam, saltam, transgridem barreiras de um tempo idílico para os chamados "anos de chumbo" e os lugares físicos, construídos pelas elites paulistas pouco informam este cidadão de mais de 101 anos (à época do depoimento).

As memórias se ancoram em fatos que foram marcantes para cada indivíduo. Não necessariamente naqueles que foram escolhidos para ser marcos da história da nação. Precisamos entender que quando escuta

Não é “o que” o depoente tem a informar sobre determinado tema o que nos interessa, mas a forma como ele articula sua narrativa. Tendo como base o conceito de que a memória de cada um de nós, enquanto indivíduos, assim como a memória coletiva de um dado grupo é seletiva, entendemos que o que fica registrado é certamente o que, de alguma forma, tem significado para aquele indivíduo e/ou grupo. (Worcman;2014;p.3)

Este sempre tem que ser o nosso princípio ordenador quando da coleta de dados de uma entrevista. Torna-se importante entender e deixar claro que questões como passado e presente e verdade ou mentira do narrador, não é o que mais importa num texto baseado em histórias de vida ou em relatos orais de memórias. Mais uma vez, nos lembra Worcman (2014;p.13) que:

Neste sentido, o que é selecionado e organizado como parte de uma narrativa é o que interessa e não a “verdade” histórica por trás da narrativa. Da mesma maneira, não é exatamente o “passado” que fica registrado, mas sim o “presente” do narrador

Assim sendo, o que se preserva tanto dos relatos orais de memórias como dos edifícios e construções é muito mais "um processo contínuo de produção, reinvenção, transmissão e apropriação das memórias do que pelo “isolamento” de artefatos ou símbolos que representem este patrimônio." (Worcman, 2014;p.4). A memória é, nestes casos, processo contínuo e cotidiano. Um exemplo claro disto na cidade de São Paulo é como o Pátio do Colégio, uma das primeiras construções do centro (hoje histórico, núcleo central da capital paulista) foi sendo reinventado em épocas diferentes. O prédio que hoje, estudantes, turistas, moradores e passantes habituais conhecem é uma "reinvenção" ou uma reconstrução dos anos 1960, não guardando muita relação com a antiga estrutura de adobe construída pelos padres jesuítas da qual resta apenas uma parede na parte interna do edifício construído em 1554.

As narrativas orais dos que conhecem o centro de São Paulo mudam toda hora sobre o Pátio e por vezes ele é considerado local de acolhimento (como para os mendigos e dependentes químicos) em outros ele é local de afastamento de pessoas que não se coadunam com os parâmetros de civilidade esperados pelos administradores atuais.

Impressiona o fato de que o Pátio do Colégio fique a poucos metros da Praça da Sé e aquela seja super populacionada por uma quantidade gigantesca de pessoas e o pátio seja praticamente vazio, permitindo apenas a passagem e a transumância de pedestres. Talvez porque os prédios que circundam o Pátio sejam propriedades do Poder Judiciário (Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo, Tribunal de Justiça de 2ª Instância e do Tribunal de Justiça) e exijam uma maior proteção e vigilância sobre si.

Embora, para o homem comum, cidadão aleatório e sem muitos direitos garantidos pela Justiça que ocupa aqueles pomposos e históricos prédios, tais edificações nada significam para a resolução dos seus problemas do dia a dia. Os populares que por ali circulam não sentem as benesses da cornucópia da deusa Ceres que encima o capitel do grande edifício da esquina e que deveria distribuir alimentos, riqueza e prosperidade para todos.

Importante é notar que nos arredores desta praça e prédios se encontram inúmeros despossuídos que se deitam em colchões velhos e cobrem-se com trapos para dormir, expostos ao frio cortante do alto da cidade de São Paulo. Todavia, na própria praça, sempre limpa com jatos de água fria pela companhia de água e esgotos da cidade de São Paulo e vigiada por membros da Polícia Militar, não há, quase em nenhum horário do dia, aglomerações de mendigos ou pedintes. Assim, em torno destes edifícios vão se constituindo múltiplas memórias e uns tantos conflitos sociais, pois, como bem nos lembra Worcman (2014p.11) “ as múltiplas memórias coletivas da cidade convivem, dando muitas vezes lugar a conflitos sociais e, na maior parte das vezes, à indiferença.” E... continuando, esta autora, assim como nós, nestas poucas incursões pelo centro da cidade percebe que " Segmentos sociais ignoram-se mutuamente. As classes esbarram-se pouco. As vidas se cruzam, as memórias da cidade se excluem e o tempo de encontro presente se intercambia entre passados diversos.”

Há, portanto, vivências diferentes na cidade. O viver é fácil. O conviver nem sempre é tranquilo. Ainda de acordo com Worcman (2014;p.12) e com base em nossas próprias observações podemos afirmar que:

Esse conviver em um mesmo território não é necessariamente pacífico, sobretudo quando as experiências são de total exclusão social. Muitas vezes a presença do outro significa “invasão”, decadência e a quebra da identidade originalmente estabelecida e compartilhada por um dado grupo.

As desigualdades sociais são tão gritantes que lógica e quase que obviamente ajudarão a criar memórias diferenciadas dos espaços, lugares e momentos vividos pelos moradores ou pelos que apenas passam por estes lugares. Por isto, os lugares de memórias,

tão bem nos apresentados por Pierre Nora¹² nem sempre ganham a mesma dimensão para todos. Alguns homens lembrarão sempre de suas dores, mais do que de seus amores.

Sobre meninos, deuses e homens perdidos na cidade

F.E. da S. e D.R dos S. fazem parte de um contingente de milhares de migrantes que chegaram a São Paulo em busca de melhores condições de vida a partir das crises econômicas dos anos 1990. E., agora pastor protestante, que chegou em São Paulo em 1990 aos 21 anos de idade, teve que construir com suas próprias mãos o paraíso que não era nem de longe aquele que lhe haviam contado quando ainda estava no Ceará. Lá, ele ouvia a seguinte historieta:

Um paraíso! Quem está lá pensa assim, alguém contou uma história fora de São Paulo, essa história era muito conhecida: ah, vamos pra São Paulo, lá tudo é fácil! Olha, eu estava telefonando e o vento estava levando uma nota, um dinheiro e eu nem parei de ligar porque eu sabia que quando eu parasse de telefonar viria uma outra... e as pessoas começam a vir por causa dessa história.” (citado Worcman, 2014;p.15)

Trabalhar com histórias de vida ou com relatos orais de memórias, conforme defende Montenegro, Alberti e Delgado é muito sensível, porque nem tudo que os entrevistados dizem pode ser tomado como autêntico, havendo muito de recriação na rememoração. Por outro lado, não podemos deixar de relevar que o procedimento da história oral é importante porque o recurso da história oral é :

Procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre esta história vivida. (Delgado, 2010; p. 15).

¹²- Para Nora: “A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, em elo vívido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” NORA, Pierre – Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC-SP. Vol.10, 1993. p.9. Embora esta citação já seja clássica nos estudos que se debruçam sobre as relações entre memória e história, quisemos trazê-la aqui para realçar e para diferenciar quando uso os documentos de uma história que poderíamos chamar de congelada e as memórias que são fluídas. Em um depoimento para a nossa pesquisa, a operador de caixa de supermercado C. nos dizia que: “as pessoas inventam uma São Paulo boa, onde tudo é um paraíso, mas aqui tudo é caro!” Há no entender dela uma criação, uma invenção, uma ilusão, mas que mesmo assim as pessoas vem. Contudo, este processo de "invenção" pelo intelecto parece sustentar as memórias posteriores, pois os entrevistados sempre que se reportam a outras épocas em que estiveram em São Paulo se reportam a ela como um lugar bom. O lugar das lembranças parecendo sempre ser melhor do que o local real, das agruras do dia a dia.

A partir dos relatos orais de memórias e dos dados quantitativos que recolhemos com alguns entrevistados podemos afirmar que um indivíduo pode muito bem, a partir da sua experiência singular, captar alguns efeitos da cidade. Entre o construir, destruir, edificar que, no caso de São Paulo ocorre de forma tão rápida ou "vertiginosa" como já afirmada por alguns.¹³

Os nordestinos advindos entre os anos de 2003 e 2016 já encontram uma cidade ultramoderna e passam a se encaixar nela nos ritmos e velocidades que lhe são próprias. A partir desta constatação percebe-se que os que chegavam aqui nas décadas de 1950 e 1960 ainda encontravam uma cidade em construção embora em ritmo acelerado e imerso em uma miscelânea de sons e sotaques, em virtude da enorme quantidade de imigrantes, vindos de inúmeros países, mas e, sobretudo, das diferentes regiões da Itália. Como nos informa Matos (2018;p.151)

As décadas de 1950 e 1960 se caracterizaram pela intensificação da industrialização e da expansão urbana. As construções cresciam, tornando São Paulo um canteiro de obras, novos imigrantes (segunda onda de imigração italiana) e migrantes chegavam, ajudando a erguer a urbe e impregnando-a de múltiplos sotaques, várias tradições e criando novas sonoridades na cidade.

Mas não é a cidade dos anos 1950 e 1960 que os novos adventícios vão encontrar nos anos 2000. Após as crises econômicas dos anos 1990, e os problemas causados pelo sequestro dos recursos guardados em poupanças (contas bancárias) no ano de 1992, muitos nordestinos que para São Paulo migraram enfrentaram a pobreza, a fome, a falta de qualificação e mesmo a marginalidade, produto tardio da marginalização. Como afirma Worcman (2014; p.7), em seu artigo para o Museu da Pessoa

O grande êxodo rural ocorrido no Brasil entre os anos de 1960 e 1980 transferiu cerca de 28,5 milhões de pessoas do campo para a cidade. Tolerados enquanto representavam mão-de-obra barata, são vistos hoje como estorvo e sobre eles recaem muitos preconceitos.

As histórias de vida dos advindos nas décadas de crise, marcadas pelo Regime Militar (1964-1985) e pela redemocratização do país (1986-1992) nem sempre são harmônicas. Possuem marcas de pobreza, fome, desamparo, crime e redenções. A partir de dois depoimentos que podem ser encontrados nos arquivos do Museu da Pessoa e utilizados também por Worcman em seu texto de 2014, podemos ter a dimensão do que é ou foi a vida destas pessoas simples nas ruas de São Paulo naqueles anos.

A década de 1990 iniciou-se dividida entre a esperança e o medo. As eleições nacionais

¹³-Esta ideia de vertigem já foi usada por vários autores, mas se popularizou entre os historiadores a partir do texto de Sevecenko, Nicolau – Orfeu extático na Metrópole, São Paulo : Companhia das Letras; 2000.

que alçaram ao poder a figura do presidente Fernando Collor de Mello em oposição à candidatura do petista Luis Inácio Lula da Silva, gerou uma crise econômica sem precedentes, com falta de investimentos e uma forte concentração de capital financeiro por parte dos bancos que, não aplicando na produção industrial e comercial, aproveitavam-se apenas dos rendimentos do próprio capital especulativo. Se nas altas esferas da política e das relações macro-econômicas isto era um problema a ser resolvido por diferentes planos econômicos, uns mais outros menos "definitivos", nas vidas do homem comum que circula em busca de uma melhoria de sua existência isto causou impactos profundos, repercutindo até hoje na organização sócioeconômica do país.

A crise em torno da falta de trabalho no Nordeste foi o que impulsionou pessoas como E. a sair de São Paulo, voltar para o Nordeste e, depois, retornar para tentar novamente a vida na grande urbe

Voltei lá. Com som, televisão, vídeo, arrumadinho... Fiquei um bom tempo lá. Mas também não surgiu uma oportunidade de emprego. Foi naquela época que houve uma recessão, o governo Collor (1990-1992), aquela coisa toda. Pensei: vou voltar novamente para São Paulo. E eu vim novamente para São Paulo... Quando eu cheguei aqui fiquei desempregado. Bate aquilo que...sem dinheiro! Eu sempre gostei de trabalhar e eu acho que todo trabalho é trabalho digno. Como eu tinha corpo avantajado, porque eu treinava, bati em todas as portas. Tudo estava fechado. Eu pensei: vou aproveitar meu corpo, vou carregar alguma coisa. Vou ser chapa. Sabe o que é ser chapa? Você fica na Marginal, na Dutra e passa aquele caminhão. Você dá com a mão. O rapaz tem uma carga dentro do caminhão. Ele pára, você vai com ele até o destino dele, seja onde for e lá você descarrega nas empresas aquilo que ele está levando". (depoimento de E. Citado por Worcman, 2014;p.17)

As relações de trabalho e de conhecimentos de outras pessoas vão levando o Sr. E a encontrar-se com as vidas de outros pobres nas ruas e em outros espaços. Em São Paulo, estes despossuídos ainda estão presentes em todos os lugares. E uma situação como a descrita por ele é possível de ser encontrada em vários locais da cidade. Após conseguir um emprego mais estável numa fábrica de laticínios ele se depara com situações que podem ser igualadas a suas de anos atrás.

Deus tinha me colocado dentro da empresa (a Nestlé). Eu estava lá no trabalho, e eu comecei a perguntar para Jesus o que é que eu podia fazer. E um dia Deus me tirou da cama, frio, junho, julho, três horas da manhã. Estava uma garoa muito fria. E eu saí ali na Rua Passos, fui em direção ao Largo do Belém, tem um canteiro na esquina da Cotegipe. E ali tinha um rapaz. ele era ex-detento, geralmente quando eu chegava do serviço era nove e meia, dez horas, eu dividia a minha comida com ele. Ele ficava do lado da minha casa também. E um dia uma voz falou dentro de mim, hoje eu sei que foi Deus: "Deita do lado dele." "Mas eu acabei de sair debaixo de um edredom, três horas da manhã, um frio, uma garoa dessa." E aquela voz pulsava dentro de mim: "Deita ao lado dele." E eu deitei naquela grama molhadinha onde ele estava. E eu olhava para ele, comecei a tremer, e ele normal. Aquela voz dizia para dentro de mim: "Agora

“você sabe o que é a vida de um mendigo de rua?” Eu dizia: “Sei por que eu agora sou um mendigo de rua. Eu larguei minha casa, larguei minha família, e eu estou deitado aqui em uma grama. Alguém pode passar, fazer alguma coisa contra mim, porque eu agora sou um mendigo de rua. Eu agora sei o que é que é uma vida de um mendigo de rua.” E eu levantei e fui para casa. O coração contristado. (Citado por Worcman, 2014;p.18)

O Sr. E. nas relações que estabeleceu com outras pessoas que caminhavam, viviam ou dormiam pelas ruas sem saber onde se encostar, conseguiu uma solução, que pode não ser considerada a melhor, mas que para ele e para muitos outros foi a mais viável ou possível para seu trabalho de recuperação e nova forma de inserção nas malhas da cidade descrente de tudo

Na época eu construí uma casinha, para casar. E um dia, eu estava em uma madrugada, encontrei um rapaz e ele disse: “Muito bem. Cafezinho, roupinha e tal! Você não teria coragem de me levar para a sua casa, eu sou um viciado.” Eu falei: “- Ah, eu tenho sim. Vamos comigo.”. Aí cada um foi para um lado e ele ficou olhando para mim na rua. Ele falou: “- Irmão, você é cristão hipócrita, você fala e não cumpre. Eu vou morar onde?” Aí novamente aquela voz de Deus falou dentro de mim: “- Ah, dá a tua casa para ele.” Eu coloquei ele para morar comigo. Com três dias depois nós tínhamos cinco pessoas semelhantes a esse que pegamos na Mooca, no Largo do Belém.”

Outro morador de rua da cidade de São Paulo daqueles anos, o sr. D mostra os efeitos da crise de uma outra forma:

Fui morar na favela. Eu conheci um monte de gente lá. Era só droga pintando, só droga. E o pessoal arrumou arma pra mim. Aí começamos a roubar por ali. A maioria de todas as lojas ali do Itaim [Itaim Paulista]. Comecei a conhecer como que era o mundo do criminoso. Não era mais como da primeira vez. Olhava detalhadamente tudo pra poder fazer o assalto. Como sair, como entrar, se ia ter vigia, se na hora ia ter pessoas ou não.(citado por Worcman; 2014; p.18)

Se as condições de vida fora da cadeia eram ruins, as que D. Encontrou ali não podem em nada trazer-lhes boas lembranças daqueles conturbados anos de juventude. Tudo aprendeu e desaprendeu dos valores trazidos e lhe transmitidos pela mãe, que ele mesmo aponta como sendo uma mulher trabalhadora que "conhecia bem São Paulo e trabalhava muito". Sobre os anos na cadeia as aprendizagens foram outras. Segundo ele:

Dois, quatro, seis... Seis anos. Eu cumpri dois e meio fora, porque dei dinheiro Quando eu cheguei lá a cela era...Nossa, eram 30 pessoas, 20 pessoas numa salinha pequena. Cubículo. Quando você chega lá, os camaradas que não tiverem conhecimento, apanham. Aí eu fui vendo a cadeia como que era. Nunca tinha sido preso. Quando você está na rua está tudo bem, você tem a liberdade. Mas quando você está na cadeia é diferente. Na rua, você pode mandar. Você tem direito de mandar. Mas lá dentro não. Lá dentro você tem que seguir as regras, senão não tem jeito. Então ali eu ficava no cubículo, apertado, não tinha nem como se mover. Tinha que dormir de lado. Nem deitado, assim... Chama balete. Chama dormir de balete. Tinha que dormir de balete. Não dava pra todo mundo.

Banheiro: tinha gente que dormia dentro de um banheiro. Horrível. (Citado por Worcman, 2014;p.19)

Depois conheceu um grupo de evangélicos dentro da cadeia e para se proteger se acostou a eles:

Mesmo lá dentro você tem que comprar o xadrez. O pessoal chega hoje na cadeia, ou vai pros evangélicos – tem uma área só de evangélicos, eles não cobram nada – ou não tem local pra ficar, você tem que pagar pra ficar no xadrez. Na cadeia, você tem que pagar pra dormir. Paga para os cabeças, o cara dono do xadrez, um preso. Parece incrível: a cadeia não é do governo, é do preso mesmo. O cara lá dentro que manda no xadrez. Tem camaradas que chegam a ter cinco, seis xadrez lá. O cara que chega tem que pagar pra dormir lá, senão vai pro pavilhão cinco, que é o local onde só tem homossexual, gente que vacila. Vai sofrer, são estupradores, esses camaradas. É o pavilhão reservado pros camaradas que eles acham que não são dignos de ficar entre o pessoal...

Mesmo tendo saído em condicional, ele não resiste, tem dificuldade de se reinserir e cai novamente no mundo do crime:

Para a liberdade, eram seis anos. Caiu pra dois anos. Cumpri, fui pra rua com liberdade condicional. Só que eu não cumpri. Cheguei na rua falei: “Não vou pra igreja, não.” Primeiro fui pra casa da minha irmã, fiquei lá um tempo. Aí ela falou: “Oh, aqui não dá pra você ficar... Arrumei trabalho, um bico, nada dava certo. Voltei a conhecer os mesmos caras. Comecei a roubar, fazer coisas piores ainda do que eu fazia na primeira vez. Estava lá na rua, na droga. Voltei a roubar. E um dia tinha combinado com os caras para assaltar um banco na cidade. Eu não fui. “Não vai. Meu filho, não vai, não vai não.” Não sabia que voz era essa. “Não vai não. Sai dessa vida. Não vá roubar.” Peguei o ônibus, desci no Brás, ia andando a pé. Fui andando, andando e andando. Aí eu lembrei dos irmãos, da igreja, de Jesus. Fui pra igreja, fiquei lá sentado. Quando eu cheguei, o camarada olhou, lá na portaria, e falou “Você é cristão?”. Falei, “Não sou cristão, não.” Ele falou: “Você está angustiado com alguma coisa. Você está precisando eu sei do quê; tá precisando de Jesus na sua vida.” Eu comecei a ouvir, comecei a falar dos meus desejos. Ele falou: “Olha, nós vamos arrumar um lugar pra você ficar, arrumar uma casa pra você ficar. Onde você está morando?” Falei: “Tô morando em lugar certo não, durmo na favela, na rua. Não tenho um barraco.” “Deixa tudo isso, vem mais tarde aqui que eu vou arrumar um local pra você ficar.” Fomos à igreja. Falou: “Não é igreja, é uma Casa de Recuperação. Vai pra lá. (Citado por Worcman, 2014; p.20)

A conversão religiosa, com sinceros propósitos ou não, é um caminho encontrado por muitas pessoas para sair do crime, mesmo que tenha recaídas nas situações de pressão ou urgências. Todavia, pode-se notar a importância dos grupos evangélicos neste processo de acolhimento de pessoas que o restante da sociedade exclui. São considerações complicadas de fazer porque nem sempre a religião "salva" as pessoas, mas entre estar no mundo do crime e das dificuldades de suportar a prisão e as privações, é uma saída possível na desmesurada e incrédula cidade. Não é a única. A arte, a política, a luta por alguma causa são importantes, mas a religiosidade extremada de alguns grupos evangélicos dá uma

impressão mais forte de acolhimento e redenção. Sobre como foi acolhido D conta:

Falei com o homem eram duas horas. Se eu fosse pro lado da Celso Garcia, eu ia pegar o ônibus e encontrar os caras, já estava dando a hora. Falei: “vou ficar por aqui mesmo.” Fui lá pra frente, fiquei sentado, a roupa era toda suja como os maloqueiros. Fiquei das duas até as cinco lá. Ai o pastor não foi. “Vem amanhã.” Falei: “Não posso mais esperar não.” “Pode sim, você veio até aqui, você pode esperar. Vem amanhã cedo.” Ai fui pra cidade, dormi na boca do lixo. Voltei de manhã, eram nove e pouco. Estava tendo culto na igreja. “Senta aí que eu vou chamar o pastor.” Ele falou: “Meu filho, você está com fome? Eu falei: “Não, não.” Estava com fome, mas falei que não. “Vamos ouvir o culto, depois eu vou arrumar um local pra você ficar.” Falei: “Tá bom!” Começou a falar e eu ali ouvindo, fiquei chorando. Depois ele voltou: “Pega suas coisas. Parece que você não tem nada” A polícia toma tudo que você tem. “Mas Jesus vai cuidar de você agora.” Me levou pra lá. Cheguei ali e vi aquele pessoal que eu via na rua, pra quem eu não dava valor, e os irmãos cuidando com amor.” (citado por Workman, 2014; p.20)

Naquela manhã, as vidas de E. e D. se encontraram. Pelas mal traçadas linhas desenhadas pelo Deus cristão ou pelos caminhos bem delineados dos construtores da cidade. F.E.da S, migrante cearense que veio com a família, retornou para o Nordeste e voltou a São Paulo, tornou-se, ao longo do tempo um pastor evangélico e organizou a casa de acolhimento para pessoas em situação de rua como D. R.dos Santos. D. menino pobre também vindo do Nordeste, mais especificamente da Bahia, drogado, taxado, perdido, fichado, mas recuperado e "redimido" do mundo do crime e das drogas, se encontram neste processo de recuperação, que passa longe das discussões teóricas dos historiadores, mas que conta um pouco de como podem ser os percalços numa cidade grande que já foi qualificada de cidade monstro. D. passa a viver na casa de recuperação organizada por E. que é uma das instituições que recolhe o que a cidade rejeita, expele, expulsa e não trata

Eu só posso ficar com 18, mas tenho 40. Chega um sujo, fedido e diz: 'irmão, não tem onde dormir?'" Eu digo: "Não tem." "Eu fico escorado aqui no portão, segurando no portão, mas me deixa dormir com uma grade, para eu ter consciência dentro de mim que ninguém vai me matar durante a noite. Eu estou uma semana sem dormir, com medo." "Entra meu filho." E aí vamos colocando. E aí vamos produzindo. É uma fábrica, produção."

Assim, as memórias sobre a cidade não são apenas aquelas dos grandes escritores ou atores sociais privilegiados. Dos construtores de monumentos e edifícios. Mas também dos homens comuns e despossuídos, havendo sempre batalhas pelas memórias que podem e devem ser preservadas em sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, José d'Assunção – **O projeto de pesquisa em história**; Petrópolis-RJ : Vozes; 2017

CERTEAU, Michel de – **A invenção do Cotidiano**; Petrópolis : Vozes, 1993.

DELGADO, Lucília Neves - **História Oral - memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010

FOUCAULT, Michel – **Genealogia del Racismo** - La Plata-Argentina; Editorial Altamira, 1996.

HARVEY, David – *O pós-modernismo na cidade: Arquitetura e projeto urbano* in: **A condição pós-moderna** – São Paulo; Edições Loyola, 19ª Edição; 2010

JACOBS, Janet. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House, 1961;p.14

JOHNSON, Steven. **Emergence: the connected lives of ants, brains, cities, and softwares**.New York: Scribner, 2001, p.96Estado de São Paulo, 15 de julho de 2007.

MACAMBIRA, Y.de M.P. **Os mestres da fachada**. Centro Cultural São Paulo (Divisão de Pesquisas), 1985.

NORA, Pierre – Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC-SP. Vol.10, 1993. p.9.

SALMONI, A.; DEBENEDETTI, E. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. (Coleção Debates n.173)

SALVADORE, Waldir – **Ecletismo Paulista: Italiano e nosso: Felizberto Ranzini e o "estilo florentino"**. - 1.ed – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SEVCENKO, Nicolau – **Orfeu Extático na Metrópole** – São Paulo : Companhia das Letras, 1992

TONKIN, Elizabeth. **Narrating our pasts: the oral construction of oral history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

WORCMAN, Karen – Como histórias de vida mostram cidades invisíveis; Museu da Pessoa; SP. In <http://www.museudapessoa.net/public/editor/>
Acesso em 16 de outubro de 2018.

PERIÓDICOS

Revista Piauí. Periferias. Fevereiro 2007.

SOBRE O AUTOR

Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Pós-Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 2018). Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal de Campina Grande e professor do Programa de Pós-graduação em História da UFCG. Autor, em parceria, de 24 livros e 3 individuais. Sub-Coordenador do Procad/PUC-SP/UFAM/UFCG e Coordenador Adjunto do Curso de Especialização em Etnias (SECADI-MEC – 2013-2016)

E-mail: veclanu@yahoo.com.br

Recebido: 17/01/2019

Aprovado: 10/02/2019